

**Inveja, vingança e tendência antissocial:
análise da personagem Lucy de *Tudo é Rio* de Carla Madeira**

Envy, revenge, and antisocial tendencies:
analysis of the character Lucy in *It's all river* by Carla Madeira

Barbara Angelica dos Santos Monteiro Carissimi ¹

Isabelle Sampaio de Souza Lavigne Sáfadi²

Felippe José Alves Carvalho Silva ³

Gracielle Rodrigues Martins ⁴

Recebido em 18 de julho de 2025.

Aprovado em 15 de abril de 2026.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é discutir o afeto da inveja, o ato de vingança e a tendência antissocial da personagem Lucy, do romance *Tudo é Rio*, de Carla Madeira. Essas reflexões e análises serão realizadas à luz de teorias psicanalíticas clássicas e contemporâneas. Trata-se de experiências traumáticas desestruturantes vividas desde a primeira infância, que culminaram em atos cruéis desde a adolescência até a vida adulta. A partir do diálogo entre literatura e psicanálise, analisa-se como experiências precoces de perda, rejeição e desamparo moldam a subjetividade de Lucy e influenciam seus modos de relação com o outro. Para aprofundar essas reflexões, optou-se por articular a trajetória da personagem à noção de tendência antissocial em Donald Winnicott, à teoria da inveja e gratidão em Melanie Klein e às formulações sobre vingança em Maria Rita Kehl. Por fim, à guisa de conclusão, serão apresentadas as possibilidades de manejo clínico na psicanálise, a partir de uma ética do cuidado voltada a pacientes com essas características subjetivas.

Palavras-chave: Inveja. Vingança. Tendência Antissocial.

ABSTRACT

The aim of this research is to discuss the affect of envy, the act of revenge, and the antisocial tendency of Lucy, the main character in Carla Madeira's renowned novel *Tudo é Rio*. These reflections and analyses are conducted in light of both contemporary and classical psychoanalytic theories. The study focuses on the disorganizing traumatic experiences of early childhood that culminate in cruel acts from adolescence through adulthood. Through the dialogue between literature and psychoanalysis, it examines how early experiences of loss, rejection, and helplessness shape Lucy's subjectivity and determine her modes of relating to others. To develop these reflections, the character's trajectory is articulated with Donald Winnicott's concept of the

¹ Doutora e Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida. Coordenadora e Docente do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: barbara.carissimi@uva.br.

² Estudante do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. isabelle.lav@gmail.com.

³ Estudante do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: carvalho.felippej@gmail.com.

⁴ Estudante do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: gracielle.171@gmail.com.

antisocial tendency, Melanie Klein's notions of envy and gratitude, and Maria Rita Kehl's perspective on revenge. Finally, by way of conclusion, the study presents considerations from psychoanalytic clinical practice based on the ethics of care for such patients.

Keywords: Envy. Revenge. Antisocial Tendency.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar e analisar os afetos da vingança, da inveja, da gratidão e a tendência antissocial, respectivamente a partir dos teóricos Maria Rita Kehl, Melanie Klein e Donald Woods Winnicott, tomando como base a análise da personagem Lucy, do livro *Tudo é Rio* (2021), de Carla Madeira.

Para isso, estabelece-se um importante diálogo com *Ressentimento* (2004), de Maria Rita Kehl, que oferece um olhar psicanalítico sobre as formas pelas quais o sujeito se relaciona com sua dor; também com o texto *Inveja e Gratidão* (1957), de Melanie Klein, que investiga a dinâmica psíquica da pessoa atravessada pela inveja; e, por fim, com as formulações sobre a tendência antissocial presentes em *Privação e Delinquência* (1987), de D. W. Winnicott, nas quais o autor descreve como essa tendência se constitui no sujeito e quais efeitos produz em sua vida.

O CASO LUCY EM TUDO É RIO

O aclamado romance *Tudo é Rio*, de Carla Madeira, apresenta uma trama marcada por uma complexa teia de afetos, traumas e possibilidades de reparação, tendo Lucy como uma de suas protagonistas. Ao longo da narrativa, observa-se que sua vida é atravessada por relações intensas de paixão, dor e perda. Lucy mobiliza um conjunto de afetos, desejo, rancor, ódio e paixão, que também se estendem aos demais personagens da trama.

Lucy é uma mulher que, ainda na infância, aos 7 anos, sofre a perda dos pais, com quem mantinha uma relação amorosa e estruturante. Em decorrência desse evento, passa a viver com os tios, Duca e Brando, em um ambiente que não oferece um acolhimento suficientemente bom para dar conta das necessidades psíquicas decorrentes dessa perda.

Segundo Madeira (2021, p. 30):

O pai e a mãe de Lucy faziam amor. Ela nasceu de uma trepada feliz. Foi um bebê de olho aceso, tinha vontade de engolir o mundo. Pai e mãe achavam graça, davam carinho, enfeitavam a filha única com aquele amor alegre. Quando não sabia ainda nenhuma palavra, já era boa em deixar claro o que queria. Foi ficando grande aos paparicos, cresceu confiante. Era mais do que bonita, tinha

alguma coisa irresistível no seu jeito. Aprendeu a escalar as pernas da mãe para olhar dentro do olho dela antes de pedir alguma coisa. Sabia insistir. Viu que funcionava. E então, quando já estava acostumada a ter o que bem entendesse, perdeu mãe e pai ao mesmo tempo.

A tia Duca, irmã do pai de Lucy, ao acolher a sobrinha, não provê o cuidado materno necessário a uma criança que vivencia uma perda dessa magnitude, deixando claro, ainda que sem intencionalidade consciente, que a cria apenas por obrigação, favorecendo suas filhas biológicas.

Segundo Madeira (2021, p. 30):

A irmã do pai, tia Duca, levou Lucy para casa. Suas duas filhas, Cleia e Valéria, eram mais ou menos da idade da sobrinha, sete anos. Um corte seco e afiado começava ali. Essa poderia ser a velha história da menina órfã maltratada, explorada por gente ruim e ambiciosa. Nada disso. A tia não era nem boa, nem má, apenas amava mais as filhas.

O tio Brando não oferece a figura paterna forte e interditora necessária, capaz de transmitir segurança a Lucy e de estabelecer limites aos seus impulsos. Ao longo do tempo, especialmente quando ela entra na adolescência, estabelece-se uma dinâmica ambígua de proximidade que pode ser lida como um jogo de sedução, em vez de uma função estruturante e de cuidado.

Segundo Madeira (2021, p. 37):

Lucy olhou para o tio, e lá estava aquele sorriso no canto da boca. Elas foram. Os dois ficaram. Sozinhos e cercados por meses de desejos reprimidos. O que fazer com tanta liberdade? Lucy ficou diante do tio enfrentando seu olhar em silêncio. Tire a roupa, ele mandou macio. Ela queria obedecer e tirou. Foi forte o impacto da beleza dela nele.

Lucy desenvolve, assim, um comportamento transgressor, destrutivo e agressivo, que começa a se manifestar já nesse novo lar, na relação com sua tia e com seu tio durante a adolescência, e se estende para as suas demais relações conforme entra na idade adulta. Seduz todos os homens da cidade, quer se apossar de todos, usá-los como objetos para satisfazer seus desejos. É agressiva e desafiadora com todas as mulheres da cidade. Torna-se prostituta.

Longe da casa de Tia Duca, Lucy passa a viver como prostituta em um bordel junto com outras mulheres. A personagem não tinha medo de mostrar que aquele ofício era sua vocação. Pelo contrário: ela fazia disso um espetáculo diário. Seu jeito escrachado, livre e

desinibido não era uma máscara, era uma escolha própria. Lucy sabia que era desejada por todos os homens da cidade e não se escondia disso: explorava, manipulava, atuava. Ela fazia com que os homens tropeçassem nas próprias certezas, se rendessem aos seus impulsos mais primitivos e os deixava exatamente onde queria.

Como prostituta, Lucy conhece Venâncio, um homem que frequenta o bordel no qual vive e trabalha. Venâncio é casado com Dalva, com quem teve uma relação abalada por uma tragédia. Lucy quer seduzi-lo, porém Venâncio não se entrega. A rejeição provoca e evidencia em Lucy diversos dos afetos que serão discutidos ao longo deste trabalho.

LUCY E A VINGANÇA SEGUNDO MARIA RITA KEHL

Em seu livro intitulado *Ressentimento* (2004), a psicanalista Maria Rita Kehl elucida que tal afeto significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que o fez sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por ele próprio, de modo a poder culpá-lo pelo que venha a fracassar. E nesse processo, o ressentimento se cristaliza, fazendo com que o sujeito se recuse a superar tal dor.

Conforme Kehl (2004, p.13):

O ressentido não é alguém incapaz de esquecer ou perdoar; é um que não quer esquecer, ou que quer não esquecer, não perdoar, nem superar o mal que o vitimou.

No entanto, no caso da personagem Lucy, o que se observa não é exatamente o ressentimento conforme descrito por Kehl, mas uma postura vingativa, marcada pela tentativa ativa de reparação por meio da punição do outro, o que aponta para uma dinâmica distinta daquela em que o sujeito permanece paralisado na dor.

Na narrativa, a jovem é apresentada como uma pessoa intensa desde a infância, habituada a ter suas vontades atendidas e inserida em um universo que parecia girar ao redor de suas demandas. Desde muito cedo, aprendeu que bastava desejar para obter. Foi assim que seus pais a criaram. Sua primeira e mais marcante frustração ocorreu no dia em que, diante dos caixões de seus pais, ordenou que eles se levantassem, sem qualquer resposta. A única negativa imposta pela morte produziu uma dor intensa, que se manteve ao longo do tempo e parece ter se elaborado de forma progressiva na vida de Lucy.

Segundo Madeira (2021, p. 30):

No dia do enterro, não teve quem não sentisse dó vendo aquela menina ordenar que seus pais levantassem. Pela primeira vez, eles desobedecem à insistência

sofrida da filha. Foi seu primeiro intransponível. Sem saber, ela jurou que seria o último.

Essa cena é fundamental para a compreensão da personagem, pois marca, de forma clara e simbólica, o início de sua relação com o desejo de vingança. Esse afeto se aprofundou especialmente após Lucy ir morar com a tia, que, já no primeiro dia, fez questão de afirmar sua autoridade, deixando claro que, naquela casa, quem mandava era ela.

Kehl (2004) estabelece uma distinção entre o desejo de vingança e o impulso de responder a um ataque. Segundo a autora, a vingança é uma necessidade quando a vítima não foi capaz de reagir no momento em que se sentiu agredida. Esse olhar pode ser transportado diretamente ao contexto de Lucy, cuja dor avassaladora de perder os pais entra em dissonância com a postura extremamente autoritária da tia: “Lucy sentia ranço daquela esmola, daquela bondade. Não reconhecia nenhum amor ali...” (Madeira, 2021, p. 31).

A personagem sufoca o sofrimento, gerando mais raiva e rancor: “a saudade dos pais machucava. Ao mesmo tempo, foi alimentando um rancor pela tia e um ódio por tudo que ela acreditava” (Madeira, 2021, p. 31). Seu rancor é a manifestação desse afeto que, segundo Kehl (2004), se caracteriza como vingança: não como uma resposta imediata, mas uma reação adiada e fomentada pelo tempo. Com o apogeu de sua adolescência, “trazendo corpo, mucos e angústias, veio com ela o insustentável” (Madeira, 2021, p. 31). Lucy soube, depois de muito tempo, como ferir a tia usando sua melhor arma: o corpo.

Lucy tornou-se uma jovem extremamente sedutora e confiante. Desde muito nova, a adolescente percebeu o efeito que causava sobre os homens de seu convívio e passou a usar isso a seu favor de maneira bastante calculada. Tendo ciência disso, a personagem atrai os adultos ao seu redor, como o dentista e o farmacêutico, em uma dinâmica para, então, alcançar seu tio.

A personagem seduz o tio pelo puro desejo de se vingar, visto que sempre alimentou uma raiva represada por Duca. O momento catártico em que planeja ser “flagrada”⁵ pela tia desencadeia o desejo de fazer o outro sofrer, mas não apenas por meio da humilhação direta: segundo Kehl (2004), a vingança mais significativa não está necessariamente em causar dor ao outro, mas em se mostrar vitorioso diante de quem o feriu. É o que se concretiza quando Lucy denuncia (Madeira, 2021, p. 50):

⁵ A palavra está entre aspas, visto que Lucy planejou ser flagrada por sua tia.

Você me tratou como filha? Mentirosa, beata falsa, bondosa de meia-tigela. Não teve um dia sequer que você não tenha me lembrado que não sou sua filha e jamais seria. Você não me deu amor, me deu esmola, migalhas, restos. Me usou para tentar convencer Deus de sua Bondade!

Sua fala evidencia a percepção de uma injustiça que fere profundamente a personagem. Ao acusar a tia de usar sua suposta generosidade como forma de autoengano moral, Lucy revela uma indignação que ultrapassa a dor e se converte em desejo de acerto de contas. Não se trata de um lamento passivo, mas de uma tomada de posição marcada pelo revide como uma espécie de tentativa de desmascarar a hipocrisia moral e responder simbolicamente ao dano sofrido. A vingança de Lucy, portanto, não é apenas um ato impulsivo, mas a encenação de uma ferida antiga.

Após ir embora da casa de sua tia e passar a viver em um bordel, Lucy, pela primeira vez, experimentou o gosto amargo de ser preterida por um homem, algo que a abalou profundamente. Ela, que sempre foi desejada, disputada e cobiçada, se viu diante de uma realidade completamente inédita quando Venâncio, em sua apatia, não demonstrava absolutamente nenhum interesse por ela. A ausência de atenção de Venâncio feriu Lucy de uma maneira que ela não esperava, principalmente por ele escolher outras mulheres, deixando-a de lado.

Esse desinteresse e desprezo revelaram uma fragilidade que ela costumava esconder atrás de sua sexualidade escrachada e poder de sedução. Sua fúria cresceu ao perceber que, apesar de toda a sua beleza e poder sobre os homens, ela não era capaz de conquistar alguém que, aparentemente, não se importava com nada disso. A dor de ser ignorada por Venâncio parecia ser uma exceção ao seu controle absoluto e fez com que Lucy sentisse, pela primeira vez, o desconforto de ser tratada como algo descartável.

Kehl (2004) elucida que a raiva, assim como a vingança, também tem seu prazo de validade e deve encontrar uma resolução no próprio revide ou no perdão. Na narrativa, o ódio de Lucy é desencadeado após ser ignorada por Venâncio e, então, emerge como uma resposta frente à sua angústia de não ter sido desejada, com o intuito de fazer valer o seu poder sobre todos ao seu redor. Para isso, ela se recusa a deitar com outros homens, punindo-os, até que Venâncio se renda a ela. Nesse sentido, sua vingança se torna uma espécie de jogo, que não atinge diretamente Venâncio, mas todos os outros homens ao seu redor, para, então, conseguir o que tanto quer. A raiva de Lucy se intensifica mais ao longo

da narrativa, principalmente quando descobre que seu objeto de desejo, Venâncio, segue completamente apaixonado por Dalva, sua esposa. Esse fato só faz sangrar uma ferida, já aberta, que vinha sendo alimentada pelo desprezo de Venâncio.

Segundo Kehl (2004, p. 14).

O rancor que deságua em agressão, a indignação que se expressa em uma catadupa de acusações e a inveja que mobiliza o invejoso para a conquista do objeto cobiçado não precisam perpetuar-se na forma de ressentimento.

A constatação de que Venâncio não a desejava por ainda amar outra mulher provoca na personagem uma dolorosa experiência de rejeição. Para alguém que sempre foi cobiçada, ser rejeitada não por falta de atração, mas por amor a outra, torna-se insuportável. A raiva inicial que Lucy sente se transforma em inveja, culminando no ódio. Para tentar retomar algum tipo de controle e reafirmar seu poder, a personagem inicia um ciclo de provocações agressivas contra Dalva, insultando-a e xingando-a sempre que a encontrava. Sua postura ofensiva não nasce de um confronto direto, mas de um rancor alimentado pela frustração de ver na outra tudo aquilo que ela jamais conseguiu ser: a escolhida. A hostilidade de Lucy é impulsionada por esse sentimento acumulado, que encontra em Dalva o alvo ideal — não por algo que esta tenha feito diretamente, mas pelo que ela representa. O desejo de vingança de Lucy não busca justiça; surge do fato de ter se sentido ferida, como se Dalva e Venâncio lhe devessem algo.

A materialização desse afeto se manifesta na cena em que Lucy, após tanto provocar e xingar Dalva de várias maneiras, decide agredi-la fisicamente, mordendo seu dedo em um ato de fúria. Antes desse momento, é importante mencionar que Dalva não cedia às provocações, ignorando-as da mesma maneira que Venâncio fazia. Esse desprezo, novamente, entra em cena, impulsionando o ódio de Lucy contra Dalva (Madeira, 2021, p. 102):

O cansaço não prostrou Lucy, a humilhação de todas as noites não diminuiu o furacão nela. Ao contrário, deu ganas de arrancar as pedras no caminho com as unhas, com os dentes, nada a perder. Queria se despedaçar. Lembrou de Duca, reconheceu o ódio que sentia vivo de novo. O corpo pedia intensidade de prazer ou dor. Alguma coisa ela arranjaria. Esperou Dalva com a boca amarga. Ela apareceu inabalável. Que mulher era aquela que não mudava de rua? Queria o duelo, provocava, a vaca. Lucy saiu do alpendre e parou na frente de Dalva, segurou delicada nas mãos dela e levou seus dedos magros e sofridos à boca como se fosse tratá-los bem. Mordeu. Mordeu para arrancar.

Ao analisarmos essa cena extremamente emblemática, nota-se a presença de um ato vingativo que transforma a dor em ação. Trata-se de uma tentativa de não sucumbir ao sofrimento, mas de respondê-lo ativamente por meio da acusação e da exposição do outro. A vingança, nesse contexto, surge como uma forma de gozo, na medida em que permite à personagem retomar algum controle sobre a própria história, ao inverter temporariamente a posição de poder e confrontar aquele que a feriu.

Kehl (2004), ao discutir o narcisismo primário, aponta que o bebê ocupa, nas fantasias inconscientes dos pais, um lugar de exceção, sendo investido como ser idealizado, uma realização de desejos e projeções narcísicas destes. Esse processo se inicia antes mesmo do nascimento, constituindo uma lógica de expectativa que, quando abruptamente frustrada, pode deixar marcas psíquicas profundas. No caso de Lucy, observa-se que ela foi justamente esse bebê extremamente desejado e idealizado, fruto de uma “trepada feliz”, como afirma a narrativa. Ela recebeu amor, atenção e dedicação incondicional dos pais, sendo plenamente atendida em suas demandas. Sua forma de estar no mundo se estruturou a partir dessa experiência primária, onde ocupava a posição de objeto do desejo parental.

No entanto, com a perda repentina deles, a jovem é arrancada desse espaço de idealização e erotização narcísica, sendo lançada em uma realidade onde passa a vivenciar a rejeição e o abandono. Diante dessa ruptura brutal, o que se evidencia não é uma paralisia melancólica ou silenciosa, mas uma reação ativa: Lucy busca vingança. Seu discurso e suas ações posteriores revelam uma tentativa de reverter a dor da perda por meio da acusação e da punição simbólica daqueles que a sucederam na função parental, sobretudo sua tia. A vingança, nesse contexto, emerge como forma de enfrentamento do trauma, como meio de preservar algo de sua dignidade ferida e de restaurar, ainda que simbolicamente, o lugar que lhe foi usurpado.

A partir disso, é possível perceber, ao longo da narrativa, que Lucy está reivindicando esse espaço construído na relação com os pais. Ela sofre com a morte deles e, principalmente, pelo fato de não ter sido tratada da mesma maneira a que estava acostumada. Pelo contrário, foi recebida com menos-valia, visto que dividia a atenção com as primas na casa de tia Duca e não tinha suas vontades atendidas. Ao ser rejeitada por Venâncio, a personagem experiencia novamente esse episódio de ser preterida em detrimento de outras mulheres, já que ele ainda estava muito ligado a Dalva. Esta última,

por representar o objeto de desejo escolhido, alimentou ainda mais a fúria de Lucy, aflorando seu ímpeto vingativo.

Contudo, a vingança pode funcionar como uma saída para uma dor pela qual o sujeito está atravessando, principalmente quando ele foi impedido de reagir no momento do agravo. Levando isso em consideração, Kehl (2004) afirma que o ato de se vingar pode ser encarado como uma forma de “agir” após a ofensa, como uma tentativa de costurar a ferida. Já o ressentido goza através da queixa, postergando sua ação como um mecanismo que garante a repetição do lamento. A psicanalista argumenta que o vingativo, ao menos, rompe com a passividade; de maneira deturpada, mas de algum modo se coloca em movimento. No caso de Lucy, mesmo tendo exercido sua vingança contra a tia, ela não consegue sair desse lugar, não se desprende desse afeto. A ação contra Duca não encerra seu rancor; ao contrário, ele passa a operar na personagem de tal modo que ela o transporta para outros cenários e figuras, como Venâncio e Dalva.

LUCY, A INVEJA E A GRATIDÃO SEGUNDO MELANIE KLEIN

Diante do que foi exposto, vale destacar que a personagem Lucy, uma mulher ferida por uma infância conturbada e pela ausência de vínculos afetivos estáveis, representa a inveja em seu aspecto mais destrutivo. De acordo com Klein (1951/1991, p. 212), “a inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável, sendo o impulso invejoso de tirar este algo ou de estragá-lo”. Além disso, esse afeto pressupõe o laço do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva ligação com a mãe. Segundo a teoria kleiniana, o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, de modo que o bebê sente que ele possui tudo o que deseja, detendo um fluxo ilimitado de leite e amor guardado para sua própria gratificação.

Melanie Klein (1951/1991) propõe que, além do anseio por alimento e afeto em sua expressão mais concreta, existe um desejo psíquico mais profundo e universal por um estado de plenitude originária. Esse anseio remonta tanto às primeiras experiências de amamentação quanto às vivências intrauterinas, manifestando-se como uma busca insaciável de acesso contínuo a um objeto idealizado, isto é, o seio materno inesgotável. Tal transformação do “seio bom” em um “seio ideal” evidencia-se nas experiências estéticas precoces vinculadas à dinâmica materna primária, nas quais o bebê vivencia o mundo como belo, confiável e generoso. Nesse contexto, a ilusão de acesso permanente a essa fonte inesgotável de gratificação representa a dimensão eternamente insatisfeita do

desejo humano, que aspira incorporar em si mesmo a origem do belo e do bom. Trata-se, portanto, da expressão de uma busca contínua pela completude psíquica, marcada pela idealização do objeto primário e pela impossibilidade estrutural de sua plena realização.

Observa-se que a ligação de Lucy com Venâncio, marido de Dalva, não é movida apenas pelo envolvimento sexual, mas pelo desejo inconsciente de subverter e destruir aquilo que ela percebe como plenitude no outro: o amor e a família. Seu contato com os afetos é permeado por um desejo de posse absoluta e, ao mesmo tempo, pela impossibilidade de suportar o que é vivido como bom e belo no semelhante. Suas atitudes não visam apenas apropriar-se do parceiro alheio, mas também desestruturar o vínculo entre o casal. Como aponta a autora: “Poder-se-ia dizer que a pessoa muito invejosa é insaciável, que nunca pode ser satisfeita porque sua inveja brota de dentro e, portanto, sempre encontra um objeto sobre o qual focalizar-se” (Klein, 1951/1991, p. 213). Ao envolver-se com Venâncio e abalar a união dele com Dalva, Lucy parece mobilizar o impulso destrutivo da inveja, que não se satisfaz em desejar o que é do outro, mas visa à sua destruição simbólica. A presença da rival é intolerável justamente porque representa aquilo que ela acredita não possuir ou ser: uma mulher amada e pertencente a uma relação afetiva estável.

Essa dinâmica é indicativa do predomínio da posição esquizoparanoide, descrita por Klein (1951/1991) como um estado psíquico inicial marcado pela cisão entre o objeto bom e o objeto mau, pela projeção agressiva e pela intensa desconfiança. Nessa posição, o ego ainda imaturo defende-se da angústia por meio de mecanismos de cisão, negação, idealização ou destruição do objeto.

Segundo Klein (1957/1991, p. 223):

[...] um objeto bom firmemente enraizado que forma o núcleo, do ego, um certo montante de cisão é essencial para a integração, por preservar o objeto bom e, mais tarde, capacitar o ego a sintetizar os dois aspectos do objeto. A inveja excessiva, uma expressão dos impulsos destrutivos, interfere na cisão fundamental entre o seio bom e o seio mau, e a estruturação de um objeto bom não pode ser suficientemente conseguida. Dessa maneira, não fica assentada a base para uma personalidade adulta plenamente desenvolvida e integrada, pois a diferenciação ulterior entre bom e mau fica perturbada em vários sentidos.

Lucy age copiosamente nesta posição ao não conseguir integrar o amor e o ódio direcionados aos mesmos objetos. Assim, ela projeta nos outros, especialmente em Dalva, aspectos insuportáveis e ataca aquilo que simboliza o "bom objeto".

O sujeito tomado pela dinâmica da inveja visa tirar algo do semelhante; ou seja, ele não cobiça apenas o que precisa para si, mas o que necessita retirar de outrem. Ele não pode suportar que algo positivo seja motivo de fruição ou de prazer do outro, e que algo bom lhe seja ofertado por outra pessoa. Não conseguirá usufruí-lo, reconhecerá de má vontade as qualidades alheias e será incapaz de experimentar e expressar gratidão. Isso significa que a pessoa se torna inapta a aproveitar o que vem do próximo, sofrendo graves interferências em sua curiosidade, capacidade de conhecer, de sentir prazer e de amar.

Com isso, é possível observar, ao longo de boa parte da narrativa, uma ausência de reconhecimento por parte de Lucy, visto que ela tem dificuldade de validar a alteridade e o valor do outro para além de sua função instrumental, que no caso é satisfazê-la. Sua relação com Venâncio, por exemplo, não é sustentada por um afeto genuíno, mas por uma tentativa inconsciente de destruir a integridade do vínculo amoroso entre ele e Dalva, bem como de tentar ocupar o lugar da rival. Essa conduta representa um comportamento guiado pela inveja e não pela valorização do amor como experiência compartilhada.

Ademais, segundo Klein (1951/1991), a gratidão está intrinsecamente ligada à capacidade de reparação, ou seja, ao desejo de restaurar os danos causados ao objeto amado. Essa reparação é característica da posição depressiva, um marco importante para uma personalidade bem desenvolvida, onde o sujeito começa a reconhecer a ambivalência dos sentimentos direcionados ao mesmo objeto. É também nessa fase que emergem a culpa genuína, o desejo de reparar e a capacidade de amar com maior profundidade.

Segundo Klein (1957/1991, p.229):

[...] nesse estágio o bebê progressivamente integra seus sentimentos de amor e ódio, sintetiza os aspectos bons e maus da mãe e passa por estados de luto ligados a sentimentos de culpa. Começa também a compreender melhor o mundo externo e entende que não pode manter a mãe para si, como posse exclusiva. A possibilidade de o bebê encontrar ou não ajuda para essa dor através de sua relação com o segundo objeto, o pai, ou outras pessoas de seu ambiente, depende muito das emoções que ele vivência com o objeto único perdido. Se essa relação foi bem fundamentada, o medo de perder a mãe é menos intenso e a capacidade de compartilhá-la é maior. Pode então sentir também mais amor por seus rivais. Tudo isso pressupõe que ele foi capaz de elaborar satisfatoriamente a posição depressiva, o que, por sua vez, depende de a inveja do objeto originário não ter sido excessiva.

Em Lucy, esse movimento reparador é quase ausente; suas ações não são seguidas por arrependimento verdadeiro nem por tentativas de recompor os vínculos que ela mesma

rompe. Essa falha na elaboração da culpa e na integração do objeto resulta em uma posição psíquica regressiva, onde predominam defesas maníacas, idealizações e ataques destrutivos aos laços significativos.

Conforme Klein (1957/1991, p. 226):

[...] parece que uma das conseqüências da inveja excessiva é um aparecimento prematuro da culpa. Se a culpa prematura for experimentada por um ego ainda não capaz de tolerá-la, ela é sentida como perseguição e o objeto que a desperta transforma-se num perseguidor.

Sendo assim, Lucy é uma personagem que ilustra uma estrutura emocional fixada na inveja primitiva e com dificuldades de aceder à gratidão. De acordo com Klein (1957/1991, p. 221), “a inveja intensa do seio nutridor interfere na capacidade de satisfação completa e, assim, solapa o desenvolvimento da gratidão”. Sua trajetória evidencia a dificuldade de lidar com a frustração, a impossibilidade de reconhecer e valorizar o objeto bom e a ausência de movimentos reparadores, aspectos que comprometem sua possibilidade de viver relações afetivas autênticas.

A transição da posição esquizoparanoide para a posição depressiva implica o reconhecimento da ambivalência afetiva; ou seja, a percepção de que o objeto amado também pode ser odiado e o conseqüente surgimento da culpa reparadora. Nesse estágio, o sujeito passa a experimentar angústias concernentes à possível perda ou dano causado ao objeto bom, desenvolvendo, a partir disso, o desejo de reparar e preservar os vínculos significativos. Essa capacidade de reparação é fundamental para o estabelecimento e o desenvolvimento da gratidão, entendida como o reconhecimento afetivo do que foi recebido do outro, acompanhado por um sentimento de valorização e reciprocidade.

Para que Lucy pudesse desenvolver a gratidão, seria necessário que ela conseguisse elaborar de maneira simbólica os sentimentos de inveja e destruição que direciona aos objetos bons, em especial ao vínculo entre Venâncio e Dalva, que representa para ela uma forma idealizada de amor e estabilidade afetiva. Tal elaboração demandaria um ego mais fortalecido e integrado, capaz de tolerar frustrações, reconhecer a alteridade e sustentar a ambivalência emocional sem recorrer a defesas maníacas ou ataques destrutivos. A história da personagem revela exatamente essa dificuldade: uma subjetividade marcada por afetos nocivos, incapaz de usufruir plenamente das experiências amorosas e de validar o valor simbólico dos laços. O desenvolvimento da gratidão, nesse contexto, seria não apenas um

indicativo de amadurecimento emocional, mas também um possível caminho para a superação da fixação da inveja e para a construção de interações afetivas mais autênticas, reparadoras e estáveis.

Vale salientar que Klein (1957/1991) ressalta que a posição subjetiva se caracteriza por uma oscilação contínua entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva; ou seja, o sujeito transita entre as duas fases durante a vida. Podemos supor, então, que no momento em que Dalva deixa o filho de Lucy sob seus cuidados, a protagonista é surpreendida por um movimento de transformação psíquica.

Segundo Madeira (2021 p.147):

Quando viu Dalva e o filho, sentiu tudo revirando dentro dela, uma vertigem poderosa custou a ser dominada. Teve vergonha, estava nua demais diante dos dois. Reduziu o passo, se calou sem nenhuma arrogância, como se toda a suavidade do mundo pousasse sobre ela. Aproximou engolindo seco, poucas vezes não sabia o que fazer, tentou se cobrir um pouco como se diante do filho precisasse ser menos indecente, queria merecer seu respeito.

Ao cuidar da criança, ela entra em contato com o desejo de reparar o dano causado e reconhece, ainda que de forma dolorosa, que o objeto amado e o objeto perdido são o mesmo. Esse reconhecimento marca a transição para a posição depressiva, na qual ela pode integrar sua agressividade e seu amor, assumir sua ambivalência e, finalmente, sentir gratidão pela oportunidade de reencontro. Esse afeto, nesse contexto, não é apenas dirigido ao filho, mas à própria vida, que lhe permite experimentar novamente o amor sob a forma de cuidado e reparação.

Verifica-se, portanto, que esse momento simboliza uma mudança em Lucy: ela deixa de estar fixada na cisão e na inveja que caracterizam o estado esquizoparanoide e passa a experienciar a gratidão. A presença do menino torna-se o espelho de sua possibilidade de reconstrução, permitindo-lhe reconciliar as partes de si mesma que estavam em conflito. É nesse gesto de acolher e reparar que a personagem se aproxima de uma postura mais integrada, onde o amor e a culpa podem coexistir sem destruição, sintetizando aspectos bons e maus.

A gratidão, portanto, aparece como um afeto que marca essa integração, funcionando como força psíquica que restabelece o vínculo com o objeto e com a própria capacidade de amar. Sendo assim, Klein (1957/1991) nos ensina que o amadurecimento emocional consiste em suportar a ambivalência, compreendendo que a vida psíquica se constrói exatamente nesse movimento de ir e vir entre a cisão e a integração.

LUCY E A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL SEGUNDO DONALD WINNICOTT

Após analisar os afetos de vingança, inveja e gratidão na personagem Lucy, chega-se à análise de suas atitudes à luz do conceito de tendência antissocial, trabalhado por Winnicott (1987) no livro *Privação e Delinquência*. Para tal, propõe-se aqui, primeiro, o exame de como se deu o desenvolvimento desse conceito pela visão do autor.

O trabalho de Winnicott (1987) acerca desse tema se desenvolve e aprofunda a partir de sua atuação junto a jovens que sofreram as mazelas da Segunda Guerra Mundial, em especial aqueles que perderam seus lares. No entanto, já nessa época, o psicanalista não restringe a tendência antissocial a esses contextos extremos, mas utiliza-os como objeto de estudo por entender que ali tais quadros manifestam-se de forma particularmente agravada.

Na busca pela gênese da tendência antissocial, Winnicott (1987) chega aos conceitos de privação, deprivação e falha ambiental. Segundo Winnicott (1987, p. 159):

Na raiz da tendência anti-social existe sempre uma privação. Pode ser simplesmente que a mãe, num momento crítico, encontrava-se num estado de depressão, ou talvez a família tenha se dissolvido. Até uma privação menor, ocorrendo num momento difícil da vida de uma criança, pode ter um resultado duradouro ao forçar excessivamente as defesas disponíveis. Por trás da tendência anti-social há sempre uma história de alguma saúde e, depois, uma interrupção, após o que as coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas. A criança anti-social está procurando de um modo ou de outro, violenta ou brandamente, levar o mundo a reconhecer sua dívida para com ela, está tentando fazer com que o mundo reconstitua o quadro de referência que se desmantelou. Na raiz da tendência anti-social está a privação.

Entende-se, então, que a tendência antissocial se desenvolve quando a criança cresce em um ambiente saudável e, por algum motivo ligado à falha ambiental, sofre a perda desse cenário protetivo, o que configura a deprivação. O ego, ainda imaturo pela idade precoce da criança, não consegue elaborar esse luto de forma saudável, dando lugar aos comportamentos ligados à tendência antissocial. Caso ela estivesse em um estágio anterior de maturidade, a saída poderia ser, ainda, a psicose (Winnicott, 1987).

Para Winnicott (1987), o ato antissocial implica a esperança de recuperar uma experiência positiva de parentalidade que foi perdida. Quando a criança constata a perda do quadro de referência de sua vida, ela deixa de se sentir livre, sentindo-se angustiada e, caso tenha alguma esperança, trata de procurar outro quadro de referência fora do lar.

Para Winnicott (1987, p. 162):

Tal como no furto existe (se levarmos em conta o inconsciente) um momento de esperança de se retomar, por sobre o hiato, uma reivindicação legítima endereçada a um dos pais. também na violência há uma tentativa para reativar um domínio firme, o qual, na história do indivíduo, se perdeu num estágio de dependência infantil.

Winnicott (1987. p. 122) traça duas principais tendências de comportamento para a criança antissocial, que podem, ou não, resultar em delinquência: de um lado, roubar e mentir, do outro, o desenvolvimento de atos destrutivos, como vemos a seguir:

Quando uma criança rouba açúcar, ela está procurando a boa mãe. De quem ela tem o direito de tirar toda a doçura que houver.

Quando uma criança rouba fora de casa, ainda está procurando a mãe, mas procura-a com maior sentimento de frustração e necessitando cada vez mais encontrar, ao mesmo tempo, a autoridade paterna que pode pôr e porá um limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo e à atuação das ideias que lhe ocorrem quando está excitada.

É sobretudo na tendência à agressividade e destrutividade que a criança busca por uma moldura ao provocar reações ambientais totais, ansiando por um círculo, um contorno, que teve como primeiro exemplo os braços e o corpo da mãe que foram perdidos (Winnicott, 1987). Essa é a tendência observada no caso da personagem Lucy: ela não desenvolve um gosto pela criminalidade, mas pela transgressão e pela agressividade.

Ao longo do livro *Tudo é Rio* (Madeira, 2021), diversas atitudes da personagem podem ser descritas como a atuação (*acting out*), descrita por Winnicott (1987) como um dos comportamentos que compõem a tendência antissocial.

Observando a história de Lucy, tal qual Winnicott (1987) fez ao estudar os jovens no pós-Segunda Guerra, percebe-se que o ambiente fornecido a ela por Duca e Brando após a deprivação da perda de seus pais não foi suficientemente bom, nem em afeto, nem em limites e contorno. Duca, ocupando agora o lugar materno, não ama suficientemente a sobrinha, que é evidentemente preterida em comparação às primas. Brando, ocupando a figura paterna, não oferece limites ou interdição; pelo contrário, cede aos impulsos sedutores da jovem.

A falha ambiental ocorre, então, tanto na perda dos pais quanto no acolhimento e nos limites insuficientes experienciados por Lucy na casa de Duca e Brando, agravando os

sintomas de agressividade e de transgressão, o que potencializa a violência e os atos destrutivos.

Para Winnicott (1987, p. 122):

O pai rigoroso que a criança evoca também pode ser amoroso, mas deve ser, antes de tudo, severo e forte. Somente quando a figura paterna rigorosa e forte está em evidência a criança pode recuperar seus impulsos primitivos de amor, seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se.

Em sua atuação, a hipótese é a de que Lucy busque, ao provocar a tia Duca, seduzir o tio e se apossar dos homens da cidade como objetos substitutos, a função materna provedora de amor; e, ao transgredir e agredir, a função paterna que aplique a lei e imponha limites aos seus impulsos. O gozo de Lucy está em se apropriar dessas figuras masculinas (do tio, dos homens da cidade, dos maridos das outras mulheres), como se fosse a sua versão de “roubo”, descrito por Winnicott (1987) como uma forma de buscar o amor e a doçura da mãe.

Conforme Madeira (2021, p. 39):

Não se encantava com perfumes, colares, roupas que brilham. Queria era curvar os joelhos, ver aqueles sujeitos tomados pelo desejo, desesperados, pagando qualquer preço, só para poder decidir se os levaria ao inferno ou ao paraíso.

A destrutividade de suas ações, a transgressão de ser prostituta, configura-se como a busca por uma autoridade de figura paterna na sociedade que possa oferecer interdição e limitar seus impulsos agressivos, devolvendo a sensação de segurança perdida na infância. Nos seus atos antissociais, Lucy busca por proteção e afeto; ou seja, aquilo que perdeu com a morte dos pais e não recebeu de forma suficientemente boa ao ir morar com os tios.

Já adulta, quando se envolve com Venâncio e Dalva, a personagem se depara com o primeiro homem que ela deseja e que se nega a obedecê-la, não se deixando seduzir e preferindo outras mulheres, bem como com uma rival que lhe provoca ódio por ter aquilo que ela não pode alcançar: o amor de Venâncio. Lucy faz tudo o que pode para tentar se apossar desse homem e humilhar a esposa dele. Chega a conseguir se relacionar com o parceiro alheio e dele engravida, acreditando então ter ganho seu afeto e vencido a oponente, mas não consegue obter as reações que espera de nenhum dos dois.

Segundo Madeira (2021, p. 119):

O que viu entre eles era um grande amor desencaminhado. Não tinha lugar para ela, estavam ligados no funcionamento um do outro como uma engrenagem de almas encarnadas, não cabia mais ninguém. Ela não passava de uma figurante

desfocada, carta branca. Uma puta- virgem-de-amor. Não era nada, não provocava nada: nem a paixão de Venâncio, nem o ódio de Dalva.

A dor no corpo foi ocupando mais espaço, queria sair dali, pensou em Brando com vontade de ter o colo do tio, ser um pouco filha. O desprezo de estar sendo fraca não demorou a aparecer. Reagiu na superfície. Respirou fundo e foi embora carregando o incerto, pela segunda vez na vida, não tinha um plano. Estava outra vez órfã.

Podemos supor que, novamente, no encontro com Venâncio e com Dalva, Lucy busca o amor da mãe e os limites do pai, reeditando o seu luto pela perda dos genitores.

A personagem entrega, então, o filho para ser criado por Dalva. Ela reconhece que na rival há um amor similar ao que viveu com sua própria mãe, diferentemente da falta de afeto que experienciou com Duca.

Há, portanto, uma mudança subjetiva quando, apesar de todas as agressões, Dalva demonstra acolher Lucy na família ao chamar a criança de “nosso filho”. Segundo Madeira (2021, p. 147):

Nosso filho. Lucy não sabia ao certo o que sentir. Era bom e ruim ao mesmo tempo, seu corpo tremia, se negava a obedecer, ela que podia tudo com ele, todas as posições, todas as explosões múltiplas, naquele momento apenas tremia indomável. Estendeu os braços e pegou João, mas era como se ele pegasse Lucy no colo e a obrigasse a uma pequena dança. Acalmou.

Essa demonstração de amor por parte de Dalva pode ser encarada como a alteração no ambiente necessária para reverter, ou impedir, a tendência antissocial defendida por Winnicott (1987). Para o autor, a mudança nesse entorno, originalmente falho, é ainda mais importante para o sujeito acometido por essa dinâmica do que o próprio processo de análise. Para Madeira (2021, p. 147):

Dalva agradeceu sincera e prosseguiu. Lucy ficou ali, com o filho nos braços, vendo ela se afastar. Não compreenderia aquela mulher nunca. Nunca.

Dalva não reage com o ódio que Lucy buscava com suas atuações, mas tampouco responde com indiferença: oferece acolhimento e amor. Ali, observa-se um indício de possível quebra no ciclo de repetição das agressões e transgressões de suas tendências antissociais. As ideias da personagem começam a mudar, e seu comportamento se torna mais brando. Há, finalmente, uma possibilidade de reparação da falha ambiental primordial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respectivo ensaio discorreu sobre a inveja, a vingança e a tendência antissocial, de forma a articulá-las com os pensamentos dos psicanalistas Melanie Klein, Maria Rita Kehl e Donald Winnicott. Para tal, foram apresentados os conceitos de vingança como repetição traumática, de Kehl; inveja e gratidão, posição esquizoparanoide e depressiva, de Klein; bem como a tendência antissocial e sua relação com a deprivação e a falha ambiental, de Winnicott, para se compreender os atos transgressivos e impulsivos da personagem Lucy do livro *Tudo é Rio* (Madeira, 2021).

Na perspectiva de Maria Rita Kehl (2008), a vingança pode ser interpretada como uma resposta subjetiva ao trauma e ao recalque de uma dor que não encontrou escuta. Em Lucy, essa reação aparece como tentativa de retomar uma dignidade ferida, mas que, ao mesmo tempo, repete o ciclo de sofrimento.

Além disso, a protagonista da obra atua em sua face cruel por meio de afetos arcaicos e nocivos. A partir da teoria de Melanie Klein (1957/1991), a inveja é compreendida como uma força primitiva que emerge nos primeiros estágios do desenvolvimento psíquico e compromete a capacidade de sentir gratidão, amor e estabelecer vínculos estáveis. Lucy, marcada por uma história de desamparo e abandono afetivo, apresenta essa dinâmica em seu estado mais rudimentar, expressando-a por meio de uma postura de ataque às alteridades e ao amor que a ameaça.

Por sua vez, a contribuição de Donald Winnicott (1987), ao tratar da tendência antissocial, amplia a compreensão das ações da personagem, sugerindo que seu agir transgressivo e impulsivo expressa, na verdade, um apelo por proteção e pela restauração de um ambiente suficientemente bom que lhe faltou.

Conclui-se, portanto, a importância do manejo psicanalítico em sujeitos marcados por históricos de desabrigo, rejeição e moções pulsionais intensamente agressivas de diferentes ordens. Um processo conduzido com tato, ternura e cuidado transforma a marca indelével em outra possibilidade, conferindo-lhe novo sentido e uma nova narrativa. A oferta da clínica é um espaço de fala e de escuta ética, empática e acolhedora, capaz de conter a força da destruição para que não se reproduza o desamparo recebido durante a vida. Trata-se do amparo que sustenta desde o início e que repara a existência; uma reparação que opera como força de contenção contra o retorno hostil ao semelhante. O acolhimento que não se obteve na infância pode ser experimentado na transferência,

durante o processo terapêutico. Muitas vezes, essa constituirá a primeira experiência de amor genuíno vivida por um sujeito.

REFERÊNCIAS

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão. *In*: KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Obras completas de Melanie Klein, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 205-267. (Original publicado em 1957).

MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. 1. ed. São Paulo: Record, 2021.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Original publicado em 1987).

Acesso geral: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila>
Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

